

**Festival de Filosofia de Abrantes 2022**  
**A cidade como marca**

**Notas biográficas dos participantes e sinopses das comunicações**

Por ordem de intervenção:

**Paulo Lima**



PAULO LIMA (Sines:1966) | Antropólogo.

Ideia, implementação e coordenação científica (2007-2010) do projeto IDENTIDADES, programa para a salvaguarda do património cultural imaterial do Alentejo, Direção Regional de Cultura do Alentejo. Coordenador do Projeto de Valorização do PCI do Alentejo, do Turismo Alentejo e Ribatejo (2014-2015).

Membro da comissão executiva (anos 2005-2009) da candidatura do Fado a património cultural imaterial da humanidade (classificado em 2010); coordenador da candidatura do Cante Alentejano a património cultural imaterial da humanidade, (classificado em 2014); responsável pela candidatura do Fabrico de Chocalhos a património cultural imaterial da humanidade, com necessidade de salvaguarda urgente (classificado em 2015); coordenador do dossier de candidatura da Festa de São João de Sobrado a património cultural imaterial da humanidade (2012-2015); coordenador do Programa Páscoa na Idanha (2015-2017) e coordenador da Candidatura deste programa à Lista das boas práticas de salvaguarda do património cultural imaterial da UNESCO; coordenador da Candidatura da Construção e Reparação Naval Tradicional do Tejo à Lista do património com necessidade de salvaguarda urgente, (2018-2019); coordenador da Candidatura do Movimento Filarmónico Civil Português a património cultural imaterial da UNESCO, pela Fundação INATEL e Câmara Municipal de Alcácer do Sal, em parceria com o Instituto do Património Cultural de Cabo Verde. Representante do Governo Português, através da Cooperação Portuguesa, na Candidatura da Morna a património cultural português (classificado em 2019). Acompanhamento científico da Candidatura da Construção Naval de Vila do Conde a Património da Humanidade. Coordenador (2018-2019) da Candidatura do Campo de Concentração do Tarrafal a Património Mundial, protocolo de parceria entre os Governos de Cabo Verde e Portugal (candidatura suspensa).

Foi-lhe atribuída pelo Governo de Cabo Verde, em 2019, a Medalha de Mérito Cultural de 1.º Grau.

Prémio APOM 2022 para o melhor projeto de museografia (com o atelier João Borges) para o Centro Interpretativo do Cante Alentejano. Diretor da Casa do Cante, Serpa (2012-2017).

Responsável pela musealização do Paço dos Henriques / projeto PAGUS (2017-2018), com exposição permanente sobre Fabrico de Chocalhos, do qual foi coordenador. Coordenador das seguintes plataformas digitais sobre património:

Paisagem Id: <http://paisagem-id.pt/>

Páscoa na Idanha: <http://pascoanaidanha.pt/>

Programa PAGUS: <http://pagus.pt/>

Casa da Cidadania: <http://casadacidadania.pt>

Tem diversos trabalhos publicados, CD's artigos e monografias, em Portugal e no estrangeiro; participou, coordenou e co-coordenou diversos encontros científicos nacionais e internacionais. Entre as suas publicações destaca: Carta do património de Portel, Vol. I (1992); Fado operário no Alentejo (sécs. XIX-XX) (2004); Minhas senhoras e meus senhores... vida, fome e morte nos campos de Beja durante o Salazarismo (2006); Filmografia completa de Michel Giacometti (2009-2010), edição jornal Público-Tradisom; Cantes (em co-autoria com Salwa Castelo-Branco), (2019), edição jornal Público-A Bela e o Monstro; Severa 1820, edição comemorativa do duplo centenário do nascimento de Maria Severa Onofriana e dos dez anos de inscrição do Fado na Lista representativa do património cultural Imaterial da UNESCO (coordenação), com contributos de Rui Vieira Nery, Salwa Castelo-Branco, Pedro Félix, Manuel Denis, Augusto Brázio, entre outros.

Estudou e publicou também, com João Honrado, opositor antifascista, trabalhos sobre o tarrafalista Francisco Miguel, em particular a sua poesia (2005).

Áreas de interesse: património cultural imaterial, paisagem, salvaguarda e gestão de informação patrimonial; Serra de Portel; literatura popular, pastorícia e metalurgia.

Responsável pela implementação e coordenação do projeto Casa da Cidadania, de Lagoa.

Sinopse da comunicação

*Património, sentimento e silêncio*

Há um poema de Manuel Alegre sobre o Sul e a Utopia. Orlando Ribeiro, entre caracterizações possíveis desse Sul, diz-nos que ele é mediterrâneo e urbano.

Nas costas, e no mar Mediterrâneo nasceu há milhares de anos a Filosofia e a Democracia, que tem a pólis como centro do diálogo com o Mundo: a possibilidade de o cidadão colocar a pergunta, a dúvida, na assembleia.

Cresci numa pequena vila do Sul que era uma aldeia um pouco maior. Vivi imerso num imenso património, onde as casas, os lugares, as pessoas... tudo tinha um nome e uma narrativa. Afetos e ódios e silêncios. Uma composição musical. Aprendi, muito mais tarde, que tudo isso chamava-se também Paisagem. Quando era criança vivi a utopia da terra. E vivi também a fome que se lhe seguiu. No Sul, onde cresci e vivo, já não há utopias e a terra está a morrer. Vive-se o silêncio da memória. A paisagem que antes era uma composição é hoje ruído. Trago, por isso, a pergunta.

**João Aidos**



João Aidos é gestor, programador, produtor e engenheiro projetista com profunda ligação à rede e tecidos culturais em todo o território nacional, sendo também licenciado em Teatro com uma especialização em estudos teatrais. Tem estado ligado a inúmeros projetos no âmbito da Rede Nacional de Teatros e cineteatros, tendo exercido como cargos de maior relevo, o de Diretor-Geral das Artes no Ministério da Cultura; gestor, coordenador do projecto e programador do “complexo” Convento S. Francisco-Coimbra. Foi ainda e Diretor Artístico, do Teatro Aveirense, Do Teatro Virgínia, Do CAA-Centro de Artes de Águeda. Recentemente foi responsável pelo projecto santarém Cultura, e é o Director Artístico do TMO-Teatro Municipal de Ourém, assim como, consultor do Projecto do novo CECQ-Centro de Educação e Cultura de Quarteira e do Plano estratégico para a Cultura de Vale de Cambra. Fez várias candidaturas para a programação em rede da CIM do Médio Tejo e foi também Conselheiro Portugal Expo Dubai 2021/22. Coordenou ainda e foi autor de projetos de execução de recuperação/construção de vários teatros, entre os quais o Teatro Virgínia em Torres Novas, do qual era programador, assim como, dos Teatros: Aveirense (Aveiro), José Lúcio da Silva (Leiria), do Municipal de Faro, Teatro-Cine de Fafe, Teatro Virgínia; Oficina Municipal da Cultura (Coimbra), Cine-Teatro Alba (Albergaria-a-Velha), Teatro Garrett (Póvoa do Varzim), Espaço Oficina (Guimarães); Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas dos Açores (Black-Box); Cine- Teatro da Lousã; Cine-Teatro de Ourém; Teatro de Vale de Cambra; Sala Roxy (Guadalajara-México); Cine-Teatro S. Geraldo\_ estudo prévio (BRAGA -Media Arts), Teatro Municipal de Covilhã Centro de Inovação Cultural (Covilhã); Teatro Ibérico; Cine- Teatro de Abrantes, entre outros. Organizou as conferências: “Encontros com a Lusofonia”; “O Parque e a Cidade”; “Conversas no Convento”, “Encontros com a Cultura” na Covilhã e as conferências Terras de Cabral em Santarém. João Aidos foi também ator, sendo fundador da ACTA – Companhia de Teatro do Algarve e Efémero – Companhia de Teatro de Aveiro, além de fundador “de várias redes de programação nacionais e internacionais, entre muitos outros projetos ligados à consultoria, planeamento cultural e gestão de projetos.

### **Paula Mota Garcia**



**PAULA MOTA GARCIA**  
(n. 1973)

Coordenadora da equipa de missão da candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura em 2027, Paula Mota Garcia tem feito um percurso profissional, sobretudo, na área da programação cultural enquanto estratégia de desenvolvimento de territórios e de públicos.

A par do desenvolvimento de conceitos que relacionam a arte com outras escalas da dimensão humana, como a educação ou a economia criativa, tem coordenado vários projetos de intervenção artística em comunidades específicas e trabalhado com outros programadores, nomeadamente, na criação/consolidação de redes de programação, ao nível regional e nacional, tendo estado, diretamente, envolvida na criação da PERFORMART - Associação para as Artes Performativas em Portugal (outubro 2016). Releve-se ainda o desenvolvimento de parcerias com empresas, contribuindo para o aprofundamento do mecenato cultural em Portugal.

Até março de 2020, foi diretora-geral e de programação do Teatro Viriato (Viseu, Portugal), instituição com quem colaborou desde 1999, tendo recebido em setembro de 2019, pelas mãos de Sua Excelência o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, o título de Membro Honorário da Ordem do Mérito, atribuído ao CAEV/Teatro Viriato, a propósito dos seus 20 anos de atividade.

Síntese da comunicação

*Sublinhando a humanidade no espaço e no tempo*

Uma sociedade mais participativa torna-se disponível para melhor compreender as suas heranças, revelando maior capacidade de projeção de futuro. Para isto, uma cidade deve sujeitar-se ao constante desafio de tentar compreender que a Humanidade está sempre em transição e em permanente releitura do mundo. Só assim será possível colocarmo-nos, cidades e cidadãos, num lugar de relevância.

**Tiago Carvalho**



Tiago Mesquita Carvalho nasceu em Lisboa em 1981 e passou a infância no Porto. Estudou engenharia do ambiente e filosofia do ambiente no Instituto Superior Técnico e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutorou-se com uma tese em ética das virtudes e filosofia da tecnologia. Colaborou na Agência Portuguesa do Ambiente, bolseiro da Fundação Oriente e investigador assistente no CoLABOR na área dos impactes da tecnologia no trabalho e emprego e actualmente é investigador no Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto com um projecto sobre catástrofes e a razão moderna.

Em paralelo à actividade académica, publicou o livro de ficção Alice (Vagamundo) em 2014 e o ensaio Arte e Natureza no Budismo Japonês (Nota de Rodapé) em 2015, além de contos e ensaios em revistas e pequenas edições colectivas (O Buraco, Gazeta do RDA, revista Três Três, Cacao). Integrou o grupo de performance sonora gmurda no âmbito de um programa de residências em meio rural com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi membro fundador e mecânico voluntário da associação Cicloficina dos Anjos. Traduziu o livro de Jan Gehl A vida

entre edifícios. Quando lhe sobra tempo é voluntariado no CASA – Centro de Apoio aos Sem Abrigo – em Lisboa e no Porto.

Sinopse da comunicação

*Pensar a cidade hoje. A transformação tecnológica das festas e romarias*

Nesta apresentação partiremos de uma evidência palpável. No Portugal contemporâneo há uma abundância patente de festivais desconhecida dos tempos de outrora. Não nos referimos apenas aos festivais de música, literários ou cinematográficos, apenas para nomear aqueles sufixos mais comuns. Praticamente todos os concelhos do país, quer sejam aqueles de feição urbana ou rural, são levados à organização de eventos e acontecimentos que visam dar a conhecer e publicitar o património arquitetónico, cultural ou natural do seu território e captar visitantes.

Alguns destes festivais são recuperações ou alargamentos de festas ou de romarias pré-existentes, enquanto outros são pura e simplesmente invenções recentes destinadas a dinamizar a atividade económica do concelho e dos seus produtos diferenciados. Através dos festivais, os concelhos entram na roda-viva da produção e passam a assemelhar-se a marcas que se anunciam no mercado nacional de festivais, reclamando a atenção dos visitantes através do apelo à tradição e ao castiço.

Ora, quanto mais acontecimentos, menos parece realmente acontecer. Tentaremos explorar as razões desta abundância, aparentemente desprovida de outros objetivos que não aqueles mais utilitários e cotejá-las com as das festas e romarias de outrora, cuja feição religiosa e sazonal era um marco irrevogável na vida dos seus protagonistas. As festas e romarias consolidavam a formação da comunidade em torno de um sentido comum inscrito numa ordem superior. No presente, tais festas e romarias, embora não inteiramente desaparecidas, esbateram-se e em muitos casos metamorfosearam-se em meras caricaturas. O respetivo contexto de fundo que assegurava o seu sentido feneceu.

A nossa hipótese de trabalho sugere que a profunda transformação de sentido ocorrida foi e é ainda protagonizada pela tecnologia e pelo desvelamento da sua essência. Esta não deve ser pensada apenas como equivalente a um mero instrumento, ferramenta ou um certo dispositivo de alta gama, nem tampouco como um conjunto específico de conhecimentos, mas como a única e mais superlativa força que importa considerar para se compreender o mundo que nos rodeia.

O paradoxo prende-se precisamente com a ideia de que a tecnologia, nos seus benefícios e malefícios, está à nossa disposição para ser orientada, tornando-se domesticável para o que queremos salvaguardar ou evitar de acordo com uma qualquer vontade política. Ora, compreender as festas e romarias segundo a sua transformação tecnológica não se resume apenas a uma crítica e ao juízo do presente a partir do passado que já não é nem do futuro que tarda em chegar. Compreender o sucedido num tempo em que a cidade cresce é pensar no que hoje nos resta.

**Adriana Veríssimo Serrão**



É professora no Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, onde realizou o mestrado sobre a Estética de Kant (1985) e o doutoramento sobre a Antropologia de Ludwig Feuerbach (1996).

Tem como principais linhas de investigação: Estética e Estéticas da Natureza, Antropologia Filosófica, Filosofia da Sensibilidade, Filosofia da Natureza e da Paisagem, Kant, Feuerbach, Filosofia Contemporânea.

É autora de *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral* (Gulbenkian, 1999); com Manuela Ribeiro Sanches: *A invenção do "Homem". Raça, Cultura e História na Alemanha do séc. XVIII* (Centro de Filosofia da UL, 2002); *Ludwig Feuerbach. Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)* (Centro de Filosofia da UL); *Filosofia da Paisagem. Estudos* (Centro de Filosofia da UL, 2013), além de múltiplos estudos em revistas nacionais e estrangeiras. Coordenadora de *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia* (Centro de Filosofia da UL, 2010, 2013), *Filosofia e Arquitectura da Paisagem. Intervenções* (Centro de Filosofia da UL, 2013) e *Filosofia e Arquitectura da Paisagem. Um Manual* (Centro de Filosofia da UL, 2012).

É Presidente do Conselho Científico da Sociedade Feuerbach (Berlim), diretora e editora da revista *Philosophica* e orientadora do doutoramento em Antropologia Filosófica da Universidade de Parma. Foi Prémio da JNICT/União Latina pela tradução de L. Feuerbach, *A Essência do Cristianismo* (FCG, 1994, 2001).

Sinopse da comunicação

*Filosofia da cidade: uma panorâmica*

Embora a Cidade não se encontre entre os tradicionais problemas da filosofia e a entrada “cidade” não conste de grande parte dos dicionários de conceitos, daí não decorre que o tema se encontre ausente das grandes doutrinas.

Se nas considerações de cada filósofo acerca da Cidade – seja no ordenamento espacial, seja na estruturação da existência coletiva – se refletem as respetivas visões do mundo, é possível descortinar na diversidade dessas posições algumas linhas típicas de abordagem:

a) a dimensão fundadora de uma Cidade ideal: desde a Politeia platónica como imitação terrena da ideia de Bem, propostas de fundação ab initio, de regulamentação humana e territorial da sociedade perfeita, serão seguidas pelos Utopistas.

b) a dimensão crítica das cidades existentes; já no contexto da época moderna, está presente em Descartes no confronto entre o caos urbano e um modelo geometricamente ordenado; e em Rousseau, ao contrastar a aldeia campesina, próxima das virtudes de um estado de natureza, com a cidade-civilização caracterizada pelos conflitos e a decadência moral.

c) a dimensão antropológica: a definição aristotélica do homem como ser comunitário (ou “animal político”) que só na polis podia realizar a cidadania plena, teria de sofrer profundas alterações após a revolução industrial, a divisão do trabalho e a instauração da economia monetária; agigantadas em metrópoles, as cidades do nosso tempo transformariam também a sensibilidade, os modos de ser e as relações entre os indivíduos. Filósofos da sociedade como Georg Simmel e Zygmunt Bauman refletiram sobre as tensões entre a cidade-sistema construído e a cidade-modo de vida. Como lugar de realização pessoal ou de anonimato e insegurança?



Licenciada em Expressão Plástica pela Escola de Belas Artes de Bordéus. Mestre em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro, com a dissertação *A imagem habitada: Para uma perspetiva fenomenológica na representação do espaço arquitetónico*. Bolseira de investigação doutoral em Design na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com o projeto *Visual and semantic identities of the city of Porto: an ascertainment of the contributions of informal dwelling*. É membro do Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura (ID+) e do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo (CEAU), no qual integra o grupo de investigação *Arquitetura Arte e Imagem*, participando em projetos editoriais e de investigação.

A sua atividade profissional tem-se desenvolvido entre a prática, o ensino e a investigação das artes e da cultural visual, com destaque para a fotografia e para os projetos editoriais. Foi docente e coordenadora do Curso Técnico de Fotografia do Instituto Multimédia. Desenvolve projetos de fotografia documental e presta serviços de fotografia de arquitetura. A sua produção fotográfica e escrita, disseminada através de comunicações, publicações e exposições em contextos académicos e artísticos, centra-se na construção, perceção e representação do espaço urbano, com ênfase nas dinâmicas de produção e utilização do espaço público e nos seus impactos sociais, estéticos e políticos.

Sinopse da comunicação

*A imagem da cidade: o Porto entre a tradição e a modernidade*

Tradição e modernidade são conceitos chave na promoção de cidades enquanto produtos competitivos num mercado internacional, especialmente no caso de cidades em que a economia do turismo assume um papel central. Esta retórica promocional é comunicada, em grande medida, através de estéticas arquitetónicas. No caso do Porto, as do património vernacular do centro histórico, por um lado, e por outro, as dos ícones da modernidade cosmopolita, com expoentes máximos na Casa da Música e em breve, no Matadouro.

Entre tradição e modernidade, existe um vasto espectro de arquiteturas, espaços e paisagens urbanas, cenários de vivências igualmente díspares e da produção de expressões culturais diversas. Das arquiteturas genéricas, às informais, estas são as casas e as ruas de uma parte crescente da população, à medida que as zonas históricas se tornam cada vez mais exclusivas. No entanto, estas arquiteturas e espaços não fazem parte de uma 'imagem da cidade', que embora constitua fundamentalmente um veículo promocional, se assume, de forma preocupante, como representação da sua identidade.

**João Cunha Borges**



João Cunha Borges é mestre em Arquitectura pelo Iscte-IUL (2017). Foi investigador no projecto SPLACH - Spatial Planning for Change, na unidade de morfologia urbana do Dinamia'CET (2018-2020). É desde 2020 doutorando da FCSH- Universidade Nova de Lisboa e do Iscte-IUL, com um projecto intitulado 'Social urban forms at the millennial city scene', sobre habitação social e operária em Portugal e na Grã-Bretanha. Tem artigos em várias publicações internacionais e é co-autor do "Atlas of the Food System - Challenges for a Sustainable Transition of the Lisbon Region" (2022). Leccionou em cursos de curta duração sobre história de arte e das ideias.

Sinopse da comunicação

*Das fábricas que falecem junto à cidade de Lisboa: uma perspetiva sobre indústria e suburbanização*

A modernização tardia de Portugal e das suas cidades deu origem a formas de suburbanização diversas e por vezes incoerentes, onde se misturam o passado rural, a breve transição industrial e a sociedade contemporânea de serviços e comutação metropolitana. Esta apresentação procura pensar os subúrbios de Lisboa da perspetiva da indústria e dos seus impactos diretos, quer na transformação à larga escala para criação de complexos fabris, quer na formação, nem sempre planeada, de zonas habitacionais para alojar a nova força de trabalho. O que nos dizem estes subúrbios sobre a nossa história social, e como podem informar o futuro?

**António Covas**



Doutor em Assuntos Europeus pela Universidade de Bruxelas e Professor Catedrático aposentado pela Universidade do Algarve. Para além dos Estudos Europeus o seu trabalho de investigação incide especialmente sobre as políticas do território e do mundo rural. Mais recentemente a sua atenção tem incidido sobre as relações entre tecnologia e território, em especial sobre o modo como as transformações da era digital afetam o governo dos territórios, o quotidiano dos cidadãos e a *smartificação* de cidades e redes de cidades.

Autor de crónicas, nomeadamente no jornal *Público*, é também autor de livros como *A governança europeia* (2007), *A grande transição: pluralidade e diversidade no mundo rural* (2011), *A caminho da 2ª ruralidade* (2012), *Territórios-rede: a inteligência territorial da 2ª ruralidade* (2014), *MultiTerritorialidades 1* (2015), *A contingência europeia* (2016), *O futuro da gestão do poder local* (2016), *Territórios e desenvolvimento territorial* (2017), *O sexto continente: a nação Internet* (2018), *A grande transformação dos territórios* (2018), *A crítica da razão europeia: uma breve história do futuro* (2019) e *Cidades inteligentes e criativas: smartificação dos territórios* (2020).

Sinopse da comunicação

*A cidade inteligente e criativa do futuro é uma rede de cidades, um território-rede*

### **As cidades do futuro, uma geoeconomia das redes e suas interligações**

A rede é uma daquelas noções (ou poções?) que parece conter o princípio ativo necessário para resolver todas as maleitas de que o mundo padece. Ela contém, de facto, muitas virtualidades, mas apresenta outras tantas condicionalidades. Uma abordagem territorial pela perspetiva das redes pode ser aplicada às cidades do futuro. Os principais vetores de uma cooperação estrutural dizem respeito a uma geoeconomia das redes e respetivas interligações e são os seguintes: rede e interligações da economia verde e circular (1), rede e interligações da nova economia urbana (2), rede e interligações do ecossistema tecnológico e empresarial (3), rede e interligações litoral-interior e interior-cooperação transfronteiriça (4), rede e interligações da economia BCC/ICC (5).

Em todos os casos, a rede de interligações visa aumentar a sinergia e reduzir a entropia das relações entre espaços e territórios, aprimorar a sua inteligência coletiva territorial e adequar a respetiva intensidade-rede. O objetivo primordial é, portanto, gerir uma matriz de fluxos muita rica e não uma coleção de gavetas orçamentais que abrem e fecham descompassadamente à medida da abertura dos avisos de concursos. Daqui decorrem as linhas mestras da ação do ator-rede: promover as interligações, acertar o passo da intensidade-rede com o envolvimento das comunidades implicadas, usar a inteligência e a imaginação para ligar as pontas soltas da matriz de fluxos e fomentar a capilaridade de um território em busca de sentido e propósito para uma geografia desejada e um destino comum. As cidades do futuro agradecem.

### **Catarina Vaz Pinto**



Licenciada em Direito e pós-graduada em Estudos Europeus. Vereadora da Cultura Câmara Municipal de Lisboa (2009 – 2021). Consultora independente na área artística e cultural (2001-2005,2021-). Coordenadora Executiva do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística/Fundação Calouste Gulbenkian (2003-2007)..Diretora-executiva da Pós-graduação em

'Gestão Cultural nas Cidades'/INDEG/ISCTE (2001-2004). Secretária de Estado da Cultura (1997-2000). Cofundadora da Associação Cultural Fórum Dança, da qual foi Diretora-executiva (1991-1995).

Sinopse da comunicação

*A Cultura na construção das cidades*

O futuro oscilará entre o presencial e o digital. A partir da experiência de doze anos como vereadora da cultura na cidade de Lisboa, propomos refletir sobre os desafios que neste contexto se colocam no domínio da cultura.

### **Jorge Mascarenhas**



#### **Jorge Morarji dos Remédios Dias Mascarenhas**

- Professor Coordenador no Instituto Politécnico de Tomar
- Em 1984, Licenciou-se em Arquitetura pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa
- Em 1997, Doutorou-se no Reino Unido, nas especialidades de Arquitetura, Construção e Desenho
- Publicou várias dezenas de artigos científicos em conferências nacionais e internacionais
- Publicou 19 livros técnicos «Sistemas de Construção) sobre materiais, processos de produção, construção e cidades
- Foi autor do projeto de Arquitetura do Núcleo de Arte Contemporânea, Coleção do Professor José-Augusto França em Tomar
- É membro do centro de investigação CITAR da Universidade Católica Portuguesa
- Leciona atualmente no ensino superior diversas unidades curriculares como: História da Arte, Património Arquitetónico, Cultura Visual, Reabilitação e Renovação urbana, Materiais, Processos Gerais de Construção, Química Aplicada, Conservação e Reabilitação de Edifícios, Patologia dos Materiais, Desenho Técnico e Desenho Assistido por Computador
- Dá apoio científico a museus ligados a tecnologia
- Publicou milhares de ilustrações científicas em livros e revistas

Sinopse da comunicação

*Cidades competitivas e sustentáveis*

Desde sempre as cidades desempenharam um papel importante em relação ao território envolvente. Com a adesão a UE dá-se em geral um enfraquecimento do sistema produtivo do território, empurrando as cidades para um novo paradigma.

No mundo global, as cidades passam a ter um papel importante na competitividade e sustentabilidade de um país. Nesta comunicação serão analisados os novos desafios colocados às cidades.

**Paulo Estrada**



Paulo Guilherme de Sousa Falcão Estrada nasceu no Rossio ao Sul do Tejo, Abrantes, a 24 de Agosto de 1959. É casado desde 1983, tem duas filhas, dois genros e dois netos (o terceiro a caminho).

A sua formação académica é o ano propedêutico e frequência no ISLA em Gestão de Empresas que possibilitou a fácil entrada para as empresas da família Estrada. Iniciou a vida profissional em 1980 no Estrada e C<sup>ª</sup> Lda e na Sofalca, em 1985, como gerente, função que divide atualmente com dois irmãos. Desde 2013 que assume a área de design na Sofalca.

Como forma de inovar e valorizar um produto secular, apostou no desenvolvimento de peças de design com cortiça expandida, um material que era apenas utilizado na construção como isolamento.

Nos dias de hoje, a Sofalca detém duas marcas de design, Blackcork e Gencork, ambas com nome internacional no mercado e vários prémios ganhos.

### **André Lopes**



André de Chastonay Luis-Lopes, nascido em Lisboa em 1961, filho de pai português e mãe suíça, frequentou o ensino primário e secundário no liceu francês em Lisboa. Licenciado em agronomia na Suíça, voltou a Portugal e enveredou, na multinacional Cargil, pela área de oleaginosas e proteoliginosas.

Foi em 1992 que André regressou às origens da família do lado do pai (Araldo Ferreira Luis-Lopes) em Abrantes, São Miguel do rio torto, e deu início a projetos ligados ao setor da produção, transformação e comercialização de azeite. Fundou na década dos anos 90 a marca Ourogal.

Ao longo dos anos e de forma a perceber melhor “O Azeite” na sua envolvência cultural e social fez vários cursos de provador, e inclusive dois cursos de cozinha. Atualmente continua na área na qual se iniciou há trinta anos, faz parte dos membros da direção da casa do azeite de Portugal e a título pessoal é consultor na área em que trabalha.

### **Natália Margarido**



Nascida em 1972, em Rossio ao Sul do Tejo, Abrantes, desde pequena com gosto pelo negócio familiar do ramo alimentar, iniciado pelo avô paterno na década de 40, concluiu em 1996 o Bacharelato em Tecnologia das Indústrias Agroalimentares, Tecnologia da Carne, e licenciou-se em Engenharia Alimentar em 2008, ambas pela Escola Superior Agrária de Santarém.

Foi formadora no Centro de Formação Profissional de Tomar e Manager Trainee na Empresa Tnova, onde adquiriu muitos conhecimentos práticos que aplicou na empresa familiar Margarido e Margarido, Lda., onde trabalha desde 2003, como sócia-gerente.

Pelo gosto pelo conhecimento e possibilidade de melhoria do serviço que a sua empresa presta, bem como, das condições de trabalho dos seus colaboradores, tem frequentado diversas formações, quer na área financeira, quer na área de recursos humanos.

## **Representante da Turismo do Centro**

### **Helena Barranha**



Helena Barranha é Professora Auxiliar no Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa e Investigadora no Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, onde integra o Grupo de Museum Studies e coordena o cluster de Arte, Museus e Culturas Digitais. Desde março de 2022, é também Presidente da Direção da Associação Acesso Cultural.

Tem Mestrado em Gestão do Património Cultural (Universidade do Algarve, 2001) e Doutoramento em Arquitetura, com a tese *Arquitetura de Museus de Arte Contemporânea em Portugal: da intervenção urbana ao desenho do espaço expositivo* (Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, 2008). Foi Diretora do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, em Lisboa (2009-2012), Investigadora

Responsável no projeto *unplace: um museu sem lugar* (2014-2015) e Coordenadora do projeto colaborativo internacional *Post-Internet Cities* (2017).

As suas atividades de investigação centram-se atualmente no património cultural, na arquitetura de museus de arte contemporânea e nas culturas digitais, temas sobre os quais tem realizado várias conferências e publicações, tanto em Portugal como noutros países. Em 2021, publicou o livro *Art, Museums and Digital Cultures – Rethinking Change* (co-editado com Joana Simões Henriques).

Mais informação disponível em: <https://tecnico.academia.edu/HelenaBarranha>

Sinopse da comunicação

*As paisagens urbanas históricas no tempo da ubiquidade digital*

Pela sua dupla natureza, material e intangível, a construção das paisagens urbanas históricas está, desde sempre, intrinsecamente ligada a uma cultura visual em permanente transformação. Entre a iconografia do passado, os registos do presente e as imagens projetadas para o futuro, as cidades situam-se num território de confluência entre realidades físicas, simbólicas e subjetivas. Esta confluência tem sido acentuada com a disseminação das tecnologias digitais e, numa época marcada pela imagem, a perceção individual e coletiva das paisagens urbanas históricas é fortemente condicionada pela ubiquidade da cartografia digital e pela intensa circulação de fotografias nas redes.

Tendo como ponto de partida a cidade de Abrantes e, em particular, o Museu Ibérico de Arqueologia e Arte, esta comunicação procura refletir sobre a forma como a cultura digital do presente reconfigura a representação, a interpretação e a fruição do património. Da criação de itinerários temáticos à digitalização de património e às aplicações de realidade aumentada, a mediação digital adiciona camadas de significado, facilitando o encontro entre as realidades locais e globais e conferindo visibilidade a sucessivos contextos históricos. Simultaneamente, a cultura digital evidencia a natureza híbrida e evolutiva das paisagens urbanas históricas, reconfigurando as relações de proximidade e distância, reconhecimento e diferença.

**Mariana Correia**



Mariana Correia é Diretora do DAMG - Departamento de Arquitetura e Multimédia Gallaecia e do CIG - Centro de Investigação Gallaecia na UPT - Universidade Portucalense. É professora de “Teoria e História da Conservação e Restauro” e Coordenadora das Dissertações de Mestrado de Arquitetura e Urbanismo. Foi Project-leader dos Projetos de Investigação Europeus 3DPAST ([www.esg.pt/3dpast](http://www.esg.pt/3dpast)), VerSus ([www.esg.pt/versus](http://www.esg.pt/versus)); e do projeto FCT Seismic-V ([www.esg.pt/seismic-v](http://www.esg.pt/seismic-v)).

M. Correia é assessora de Património Mundial do ICOMOS e realizou várias missões de Monitorização Reativa, de Avaliação Técnica, de Assessoria e de Upstream em África, Europa, Médio Oriente e Ásia. É instrutora de Património Mundial em cursos da UNESCO, ICOMOS, ICCROM, UICN, AWHF e ARC-WH. Realizou várias revisões técnicas e científicas para o ICOMOS, Fundo de Assistência Internacional de PM, World Monument Watch, FNRS-Bélgica, CONACYT-México, SNSF-Suíça.

É membro do Conselho de Direção do ICOMOS-ISCEAH, especialista do ICOMOS-CIAV e foi convidada para integrar a Task-force do Grupo do ICOMOS Internacional para as Alterações Climáticas e Património. Foi Presidente do ICOMOS-ISCEAH, coordenadora do PROTERRA, e foi eleita Presidente do Conselho Consultivo do ICOMOS-Portugal em 2021. Integra Conselhos de 3 Fundações dedicada ao Património e às Artes (FCO, FAFB e FBAC) e é autora de 2 livros; 9 relatórios de missão de Património Mundial; é coeditora de 22 livros; escreveu mais de 150 capítulos de livros e artigos; deu aulas, foi keynote speaker e deu conferências em inglês, francês, castelhano e português, em mais de 35 países.

Sinopse da comunicação

*Paisagens Urbanas Históricas um património a conservar, reabilitar ou regenerar?*

O que é a paisagem urbana histórica? Porque é necessário valorizá-la, segundo a UNESCO? O que significa conservar, reabilitar e regenerar? Qual o impacto da reabilitação urbana na qualidade de vida das pessoas?

Nas últimas décadas, devido aos crescentes desafios económicos e sociais, muitos centros urbanos têm sofrido uma progressiva degradação do seu espaço público. Esta degradação urbana tem sido premente em centros habitados por comunidades mais pobres, onde o poder político local intervém menos.

Quando se desenvolvem intervenções para qualificação do espaço público por meio da reabilitação urbana, em particular em centros históricos, esta abordagem centra-se muitas vezes, na alteração de pavimentos e arruamentos, assim como de mobiliário urbano, e menos, na melhoria direta da qualidade de vida das populações que a habitam. Observa-se frequentemente, a gentrificação de centros urbanos, em particular de centros históricos com potencial turístico crescente. O custo de vida sobe e residentes locais com menor poder económico, sentem-se pressionados a realocar-se na periferia das cidades, enquanto que os novos residentes, com maior poder económico, procuram habitações amplas que respondam a um estilo de vida contemporâneo. Para o efeito, as tradicionais tipologias habitacionais dos centros urbanos históricos vão desaparecendo. Por vezes, sobrevivem apenas as fachadas dos edifícios, enquanto que o espaço arquitetónico interior é profundamente alterado.

Infelizmente, tanto a gentrificação como o fachadismo têm crescido em diversas cidades de distintos continentes, mas também em inúmeras paisagens urbanas históricas, e mesmo, em sítios classificados Património Mundial. Nalguns casos, a pressão imobiliária é de tal forma premente, que afeta a autenticidade e a integridade dos centros históricos, o que resulta na inclusão de centros históricos classificados, na Lista de Património Mundial em Perigo.

Simultaneamente, observam-se nas cidades, distintos tipos de intervenção urbana e arquitetónica. Há paisagens urbanas históricas que revelam ações de conservação integrada, possibilitando a retenção de residentes originais, por meio da preservação do tecido urbano original. Há também ações de reabilitação urbana, nalguns casos com intervenção demasiado intrusiva e mesmo, com total reconstrução arquitetónica. Mas há igualmente, ações de regeneração urbana, que alteram por completo o quadro habitacional e económico, preservando-se apenas fachadas e pouco mais. Parte da razão para as distintas intervenções, deve-se igualmente à ampla interpretação da definição e aplicação de conceitos internacionais de intervenção patrimonial, no contexto português. As definições operacionais dos distintos conceitos de conservação, reabilitação, regeneração e revitalização em património arquitetónico e urbano devem ser analisadas criticamente, sobretudo à luz de intervenções com carácter especulativo, que se têm verificado no contexto português.

Quando se analisa a evolução das intervenções no património, verifica-se que há uma tendência para consistentes deficiências, o que evidencia que se utilizam frequentemente soluções demasiado intrusivas, com materiais não tradicionais e por vezes, mesmo incompatíveis. Frequentemente, as intervenções em património são realizadas por profissionais com pouco conhecimento, sobre a história e a teoria da conservação e do restauro; sobre materiais e sistemas construtivos tradicionais; sobre análise, diagnóstico, critérios e metodologias de intervenção; e mesmo pouco conhecimento sobre distintas práticas internacionais de intervenção patrimonial. É nesse sentido, que o arquiteto, urbanista e projetista tem um papel fundamental, pois deverá estar consciente do impacto da sua intervenção em ações de conservação, reabilitação e regeneração da paisagem urbana histórica.

Para motivar intervenções em centros urbanos históricos, de modo mais integrado e com participação cidadã, que pudesse resultar na efetiva melhoria da qualidade de vida das populações, a UNESCO desenvolveu a “Recomendação para a Paisagem Urbana Histórica” (Recommendation on the Historic Urban Landscape). Esta foi adotada a 10 de Novembro de 2011, na 36ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO. Também conhecida como Recomendação HUL, foca-se na abordagem da paisagem urbana histórica, não associada a uma paisagem com imagem estática, mas a uma paisagem que evolui, segundo o contexto local, adaptada às necessidades e ao desenvolvimento económico e social das comunidades que a habitam.

Sendo esta uma abordagem holística, a Recomendação da UNESCO integra objetivos de conservação do património urbano associados a objetivos de desenvolvimento social, cultural e económico das cidades. A abordagem HUL para além da preservação do património físico, foca-se em todo o ambiente humano e nas suas qualidades tangíveis e intangíveis. De acordo com a UNESCO, a abordagem da Paisagem Urbana Histórica deverá procurar aumentar a sustentabilidade do planeamento e da intervenção arquitetónica e urbana, tendo em consideração o ambiente construído existente, o património intangível, a diversidade cultural, os fatores socioeconómicos e ambientais, e os valores das comunidades locais.

A recomendação HUL pode ser aplicada a cidades históricas e não só a centros históricos classificadas como Património Mundial. Para o efeito, deveriam existir políticas públicas que valorizassem a paisagem histórica e cultural, assim como apoiassem o desenvolvimento de dinâmicas de carácter cívico e cultural, em ambientes urbanos. O desenvolvimento de instrumentos tradicionais, mas também inovadores, que permitam o envolvimento das distintas partes interessadas (stakeholders), e a participação cívica e ativa dos cidadãos. A criação de ferramentas com participação cidadã é possível, através de atividades que contribuam para um maior conhecimento da cidade e dos distintos ambientes e fenómenos que a constituem - a realização do Festival de Filosofia de Abrantes é disso um excelente exemplo.

Participar ativamente numa abordagem integrada, terá um maior e melhor contributo no planeamento da cidade e na integração da visão dos cidadãos sobre como querem viver hoje e daqui a 10 anos. Isso será fundamental, pois não se deveria planear a cidade baseado na visão de uma pessoa ou de um grupo restrito, mas deveria planear-se de modo mais participativo, ou seja, a contar-se sobretudo, com a visão cidadã. Isso será possível, se houver contributo cívico de cada um de nós, para a cidade que ambicionamos. Para isso, é fundamental, a criação por parte dos Municípios de regulamentação, de instrumentos financeiros integrados, de métodos de auscultação e de participação da população, que se reflitam operacionalmente no crescimento sustentado da cidade. Estes devem motivar o cidadão, a intervir e a contribuir para o desenvolvimento sustentável e para a qualidade de vida, na cidade em que habita.

**Moirika Reker**



Moirika Reker, iniciou o seu percurso na Gerrit Rietveld Academie em Amesterdão, fez o curso avançado de artes plásticas no arco, em Lisboa e é Master of Fine Arts pela Columbia University, de Nova Iorque. Doutora em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a Filosofia do jardim em Rosario Assunto (1915-1994). Foi bolseira do Ministério da Cultura (1999-2001) e da European Cultural Foundation (2014-15) para o desenvolvimento do projecto “Fruta à mão/Pick your City Fruits”, pesquisando o papel das árvores de fruto na experiência estética da cidade e na apropriação do espaço público. É membro integrado do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, desenvolvendo a sua investigação no Grupo Praxis, em estética, filosofia do jardim e da paisagem.

#### Sinopse da comunicação *Uma cidade sem jardins?*

Numa aldeia implantada numa encosta de montanha, cujas casas de pedra e ruas de terra batida se oferecem como contraponto à verdejante exuberância do seu entorno, talvez o jardim não esteja em falta. Poder-se-á, até, defender que a aldeia constitui em conjunto com a encosta uma paisagem coesa. A aldeia pontua a paisagem, não existe sem ela e vice-versa. Contudo, o mesmo não se passa quando a dimensão do construído se estende a perder de vista e quando as matérias dessas construções perderam o vínculo com a terra/rochas/madeiras do lugar. Isto é, quando da cidade não se avista a encosta/prado/bosque e quando as edificações se erguem a partir de cimentos e outras matérias industriais.

O jardim, não apenas pelas suas características materiais e espaciais, mas também temporais, apresenta-se como uma extraordinária ponte entre a cidade (grande ou pequena) e o campo, ou, de forma muito simplificada, entre humano e natureza. Mas desempenha também um outro papel fundamental, que é o de nos lembrar a importância da beleza para as nossas vidas, por um lado, e da nossa condição de seres viventes, por outro, afins às plantas e bichos que contemplamos no jardim, distintos, portanto, da máquina na qual arriscamos converter-nos ou à qual estamos prestes a oferecer a nossa liberdade.



Dirk Michael Hennrich, nascido na Alemanha em 1973, é investigador doutorado na área da Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 2019. É membro pleno do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e recebeu bolsas de pós-doutoramento da Fundação Calouste Gulbenkian e da FCT. Concluiu o doutoramento em 2014 na Universidade de Lisboa na área da Filosofia em Portugal e tem um Mestrado em Filosofia, Literatura Alemã e História da Universidade de Basileia/Suíça (2003). Os seus interesses de investigação são Filosofia da Natureza, Filosofia da Paisagem, Filosofia Animal, Filosofia dos Meios de Comunicação e Filosofia da Tecnologia.

Sinopse da comunicação

*Cidades do presente, paisagens do futuro: reterritorializar a Terra*

Enquanto as metrópoles estão em constante crescimento, o interior e a multiplicidade das suas paisagens culturalmente cultivadas estão a ser transformados em territórios de exploração económica. Não apenas nos países do Sul global, marcados por séculos de colonização pelas nações europeias, mas hoje mesmo nos antigos estados coloniais como Portugal, a colonização das regiões agrícolas está a aumentar devido a crescente monopolização liderada por conglomerados internacionais. As cidades dos nossos dias estão a tornar-se cada vez mais parecidas em todo o mundo, tornando-se aglomerações de habitações uniformes e precárias para as massas, enquanto o conteúdo cultural das paisagens está a ser sistematicamente esquecido. A fim de pensar as cidades e paisagens de uma forma equilibrada e igualitária, será necessário criticar a história da colonização e da monopolização das atividades sociais e económicas, a fim de deixar reemergir outras formas de coexistência. É necessário pensar uma reterritorialização radical da terra que não só desafia as atuais e economicamente determinadas reivindicações de propriedade, mas também afirma as reivindicações enterradas e suprimidas para os mais diversos territórios, como as reivindicações de muitos grupos populacionais indígenas.

**Miguel Abalroado**



Engenheiro, empreendedor, top manager, gourmet. Consultor, marketer e investidor, com foco nos sectores de Gastronomia • Hospitalidade • Culinária • Food/AgTech • Cultura. Reconhecida experiência nos sectores de Media e Bens de Consumo, onde, durante duas décadas, exerceu funções de direção e membro de conselho executivo, criando soluções e auxiliando marcas a comunicar. Construtor de marcas e de eventos. Cidadão do mundo, abrantino de nascimento. Especialista em gastronomia. Co-Fundador e sócio da Lemon Zest.

Sinopse da comunicação

*Cultura e cozinha*

Do garum Romano, à palha de Abrantes, a cozinha é reflexo da nossa existência em sociedade. O que comemos e como cozinhamos, os produtos e receitas, são sempre obra do tempo e do espaço. Como na Grécia antiga, valorizamos hoje a origem dos produtos, o território, parte integrante do conceito de gastronomia. Se a cozinha é hoje polo de atração, ou hub, como são os museus e outras manifestações artísticas, importa dar resposta à pergunta: como transformar o território e fazer de Abrantes um hub gastronómico?

**José António Bandeirinha**



José António Bandeirinha (Coimbra, 1958).

É arquitecto pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1983). É professor catedrático do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, onde se doutorou em 2002 com uma dissertação intitulada *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*.

É investigador do Centro de Estudos Sociais. Foi Director do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra entre 2002 e 2004; entre 2006 e 2007 e entre 2017 e

2021. Foi Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra (2007 a 2011). Foi Director do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2011-2013). Foi Comissário da Exposição *Fernando Távora Modernidade Permanente*, cujo coordenador foi Álvaro Siza, integrada em Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012.

Foi Consultor Científico da Exposição *O Processo SAAL Arquitectura e Participação 1974-1976*, comissariada por Delfim Sardo e organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves em colaboração com o Canadian Centre for Architecture, Montréal, Canadá. (2014-2015).

Orientou mais de duas dezenas de dissertações de doutoramento e três investigações de pós-doutoramento. Tem dedicado os seus estudos à teoria da arquitectura e da cidade, centrando-se, no essencial, sobre as consequências urbanas e arquitectónicas das práticas políticas.

Sinopse da comunicação

*O espaço como recurso. O papel da cidade.*

Raramente reconhecido como tal, o espaço ocupado pelas atividades humanas é um recurso como qualquer outro — a energia, o ar, a água, etc. Somos oito mil milhões de seres humanos sobre o planeta, não podemos continuar a pensar que o espaço, o território, continua a ser usado da mesma forma com que o era nos tempos da expansão colonial e nos da modernidade que se lhe seguiu. Em países como Portugal, por exemplo, embora recheado de instrumentos de planeamento normativo e manchas abstratas de ocupação, o espaço é, na prática, considerado tabula rasa para utilização licenciosa, caótica e altamente dispendiosa.

As cidades, para subsistirem, têm de ser repensadas de dentro para dentro. É necessário, agora e mais que nunca, que olhemos para elas não apenas com a visão normativa/tecnológica, quase absurda, que herdámos da modernidade positivista, com os mesmos instrumentos, abstratos e generalistas, de há um século atrás, adaptados em cima do joelho aos clichês inovadores da contemporaneidade. É necessário que olhemos para elas como o nosso habitat natural, como a coisa humana por excelência, como lhes chamava Lévi-Strauss, ou como o nosso divino aposento, como chamava Camões à cidade projetada. Sim, temos de as projetar novamente, mas agora para as reconstruir e adaptar às nossas exigências, com respeito e com talento. Mesmo se tiverem de crescer alguma coisa para fora, e quase todas têm — é bom sinal — tem de ser em estrita continuidade com o que que já existe. Não pode continuar a haver barreiras absurdas entre o que é histórico e o que, alegadamente, não o é. Não nos podemos esquecer nunca que são cidades, e todas as cidades, para o serem, são históricas.

## Álvaro Domingues



Álvaro Domingues (Melgaço, 1959) é geógrafo, doutorado em Geografia Humana pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desde 1999 é docente do mestrado integrado e do curso de doutoramento. É também membro do Conselho Científico. Como investigador do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP, tem desenvolvido atividade regular de investigação e publicação no âmbito de projetos com a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Ciência e Tecnologia, a CCDR-N, CCDR-C, a Xunta da Galiza, a Escola Técnica Superior de Arquitectura da Coruña, a Erasmus University of Rotterdam-EURICUR, o Club Ville Aménagement – Paris, o CCCB, Barcelona, com a Universidade Técnica de Barcelona-

Arquitetura, a Universidade de Granada – Planeamento e Urbanismo, a Universidade Federal de S. Paulo e do Rio de Janeiro - Brasil, as Universidades do Minho e Coimbra, os municípios de Guimarães e Porto, a Ordem dos Arquitetos, a Fundação de Serralves e a Fundação da Juventude, entre outros. No CEAU-FAUP a sua atividade centra-se na Geografia Humana, Paisagem, Urbanismo e Políticas Urbanas, quer em termos de investigação, quer em termos de assessoria externa e formação.

É cronista no jornal *Público* e autor de livros como *Políticas urbanas* (2004), *A cultura em ação* (2005), *Cidade e democracia* (2006), *A rua da estrada* (2009), *Vida no campo* (2012), *Volta a Portugal* (2017) e *Paisagens transgênicas* (2021).

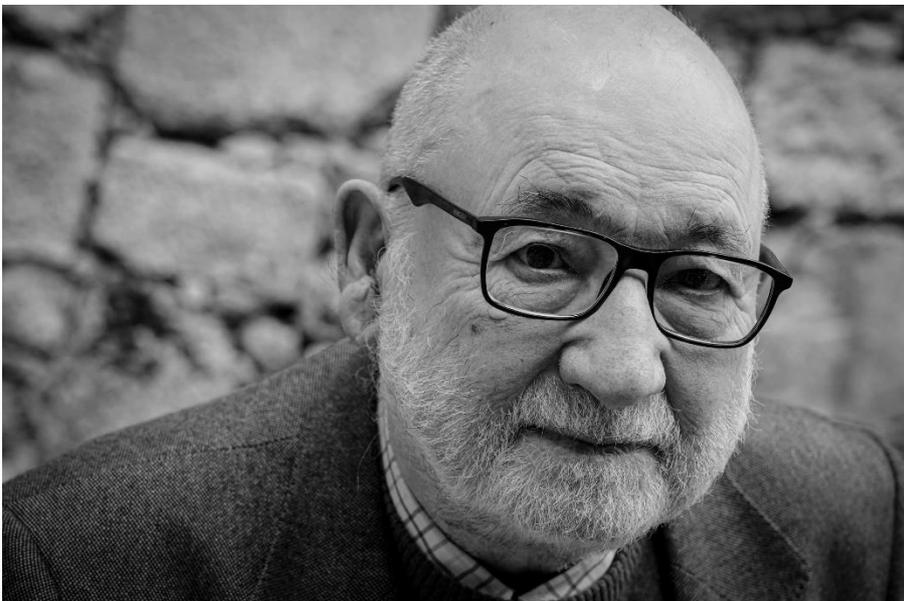
Síntese da comunicação

*Natureza urbana*

No seu livro *Ecology Without Nature* (2007), Timothy Morton distingue, pelo menos, três lugares de sentido para a Natureza. O primeiro define-se por listas inumeráveis de assuntos – do átomo aos cosmos - com significados flutuantes que dificilmente se fundem num “todo” natural; a natureza como metáfora permanece vazia, esquiva e só é acessível através desse labirinto de referências. O segundo é uma Natureza que é percebida como produtora de normas face às quais se medem os graus de desvio contra naturam e respectivas validações culturais que argumentam com princípios de organização universal e transcendental que funcionam como instância absoluta de legitimação. O terceiro é uma natureza magificada, habitada por desejos e fantasias, um paraíso perdido onde houve um tempo de felicidade e equilíbrio, uma idade de ouro. Co-existindo no imaginário dos humanos, estas naturezas funcionam como um exterior genérico onde se vieram a inscrever os humanos e a sua própria natureza humana.

Entretanto a urbanização evolui e é pensada num universo diferente ou mesmo oposto à galáxia da natureza. É essa partição que não faz muito sentido.

**Jorge Gaspar**



Jorge Gaspar: (Lisboa, 1942), Geógrafo e Urbanista. Professor Catedrático, Emérito, da Universidade de Lisboa, IGOT. Foi assistente da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, Professor Catedrático Convidado do Instituto Superior Técnico e das Universidades de Umeå e de Paris X. Doutorado pela UL (1972), pós-graduado pela Universidade Lund, Suécia. Coordenou investigações e projetos aplicados em Geografia, Planeamento e Urbanismo. Em 1986 fundou o

CEDRU – Centro de Estudos e desenvolvimento regional e urbano Lda, onde continua a colaborar. Coordenador técnico do Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território – PNPOT. Sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, membro da Academia Europaea e Doutor HC pelas Universidades de León, Genève e Évora. Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Prémio Universidade de Lisboa. Prémio Internacional Geocrítica. Medalha de Honra, ouro, do Município de Alvito. Medalha de Honra da Freguesia da Quinta do Conde. Medalha de Mérito Científico do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Fundador e Presidente da Direção de Estudos Gerais de Alvito – Associação para o Estudo dos Fenómenos de Globalização e Localização. Sócio fundador da APG, da APDR, da APCP, da APU. Publicou uma vintena de livros e cerca de três centenas de artigos e opúsculos (mais recentes: Gaspar J. (2022) Cavadas e aradas, a propósito de ZONA V (de VAGO) e outros devaneios, in Teresa P. Rodrigues, Terrain Vague, no prelo. Gaspar, J., & Lidónio, D. (2022). “Continuamos a procurar a Geografia: o que é e para que serve” in Ikara. Revista de Geografias Iberoamericanas, (1). Gaspar J. (2022). Território e Imagem – textos de fronteira. CEI Guarda Gaspar, J. (2022). A Área de Influência de Évora; 3ªed, no cinquentenário da 1ª ed.com Posfácio do autor e um texto original de Orlando Ribeiro. Gaspar, J. (2022) “Ainda de volta às charneças e às gândaras - a propósito de bouça-fria”, in Moreira, D. e Neves, R.C. Os Arquivos de Bouça Fria, Museu da Paisagem, Lisboa. Gaspar, J. 2021 “Ainda os couros”, in GUIMARÃES C VISÍVEL, nº 1, pp 160-165. Gaspar, J. 2020: “Guimarães: a cidade e os couros, – deambulações pelas geografias do tempo” C. M. Guimarães, candidatura UNESCO).

Sinopse da comunicação

*A natureza da cidade: memórias e futuros*

Partindo da maldição bíblica da cidade (Genesis, 4, 1-17) e das duas matrizes mais comuns na cultura urbana ocidental, a religiosa (Fustel de Coulanges) e a económica (Max Weber), abordaremos as diferentes funções da cidade, nos tempos e nas geografias.

Um olhar sobre a resiliência e as fragilidades urbanas leva-nos até às portas dos futuros, passando pela nostalgia da cidade.